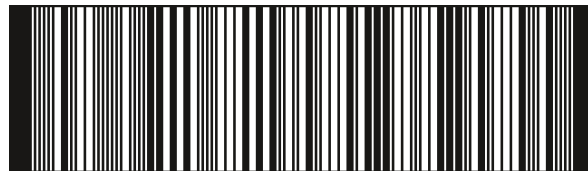




Francisco
Didier Guedes
Albuquerque
JÚNIOR

CB2025-[P.G/S.S.]



Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, Brasil, didierjr0105@gmail.com



**OS SONS DO FIM DO MUNDO? ROCK E CENA
MUSICAL INDEPENDENTE NO SERTÃO PARAIBANO
(BRASIL, 1989-2010)**



**THE SOUNDS OF THE END OF THE WORLD? ROCK
AND THE INDEPENDENT MUSIC SCENE IN THE
SERTÃO OF PARAÍBA (BRAZIL, 1989-2010)**

Resumo: Este capítulo objetiva fazer um mapeamento histórico da cena musical independente no Alto Sertão paraibano, microrregião localizada no interior do Nordeste brasileiro, com foco na cidade de Cajazeiras. Movimentando espaços, memórias, eventos, músicas e sentimentos, investigam-se os modos como essa cena se deu a construir e se consolidar, demarcando o seu aspecto multifacetado e complexo, especialmente em torno do rock e suas ramificações, posicionando-se a contrapelo dos discursos tradicionais e historicamente predominantes nos sertões adentro (Albuquerque Júnior, 2011; Ventura, 2022). Trata-se, então, de um desmembramento de uma pesquisa de maior escopo intitulada “De tocaia com o meu som: banda Tocaia da Paraíba e a construção de uma paisagem sonora híbrida no Alto Sertão paraibano (1995-2010)”.

Palavras-chave: Rock; música independente; cena; interior do Nordeste brasileiro; Cajazeiras.

Abstract: This chapter aims to historically map of the independent music scene in the Alto Sertão of Paraíba, a micro-region located in the interior of northeastern Brazil, especially in the city of Cajazeiras. By mobilizing spaces, memories, events, music, and emotions, this study investigates the ways in which this scene was built and consolidated, highlighting its multifaceted and complex nature, particularly in relation to rock and its branches, positioning itself against the grain of the traditional and historically dominated the hinterlands (Albuquerque Júnior, 2011; Ventura, 2022). This study is, therefore, a spin-off of a broader research project titled “De tocaia com o meu som: banda Tocaia da Paraíba e a construção de uma paisagem sonora híbrida no Alto Sertão paraibano (1995-2010)”.

Keywords: Rock Music; Independent Music; Scene; Interior of Northeastern Brazil; Cajazeiras.

1. Introdução

A década de 1980 em diante foi um período de criação e consolidação de diversas cenas musicais independentes no Brasil. Esse processo, no entanto, aconteceu de modo singular e subjetivo quando pensado em cada uma das suas particularidades espaciais e contextuais, quer seja nas amplamente conhecidas cenas musicais de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, ou até mesmo às margens das ribeiras amazônicas, do frio sulista, da umidade do pantanal, da brisa quente do litoral nordestino ou nos rincões dos sertões. Isso demonstra o caráter complexo, dinâmico e continental das experiências musicais presenciadas no Brasil.

Pouco após o *boom* do rock nacional do início dos anos 1980, que gerou inúmeras canções e sentimentos em um momento de transição democrática (Grangeia, 2016), presenciou-se um processo de ampliação e consolidação do rock na sociedade brasileira. No caso deste capítulo, em especial, uma cena musical ganhará destaque: o interior do Nordeste brasileiro, diga-se o Alto Sertão brasileiro, com ênfase na cidade de Cajazeiras durante o recorte temporal de 1989 e 2010. A essa conjuntura deveu-se, sobretudo, pela formação de grupos autorais que deram corporeidade à essa cena musical que ainda galgava os seus primeiros passos no sertão, distante dos grandes centros urbanos do litoral nordestino. Foi o caso de bandas como “Conspiração Apocalipse” (1989), “Tocaia da Paraíba” (1995), “Cabeça Chata” (1996), “Danos Moraes” (1998), “Epidemia Tipo 5” (1999), “Comportamento Zero” (2003), “Baião d’Doido” (2003), “Arlequim Rock ‘n’ Roll Band” (2006) e “A Peleja” (2008). No caso particularmente aqui analisado, é interessante notar que cada uma dessas bandas soou como uma espécie de escola musical em que os integrantes aprenderam uma nova forma de tocar, carregando consigo esse conhecimento adquirido para outros projetos musicais que vieram a participar, o que explica o alto nível de circulação entre os integrantes dessas bandas, fortalecendo a ideia de um coletivo musical em torno da cena.

Em linhas gerais, essas bandas formaram uma cena musical alternativa que não se restringiu apenas à escuta e às composições de rock, pois, com base no que disse o pesquisador Andy Bennett, uma cena envolve muitos outros elementos, como a moda e as vestimentas, os comportamentos e atitudes, enfim, toda uma cultura que dá forma ao espaço em questão (Bennett, 2004; Straw, 1991). É nesse sentido que essa cena congregou, em sua trajetória, particularidades no que dizem respeito à experimentação sonora. Em meio a esse coletivo musical, essas bandas se tornaram imprescindíveis no sentido de dar novos contornos ao rock na dimensão espacial do Alto Sertão da Paraíba, seja por meio da mescla do rock com sonoridades ditas regionalistas, seja por meio da tentativa de se inserir em determinadas segmentações do universo do rock, como o *punk rock* e o *pop rock*.

2. Espaços de criação, fruição e circulação musical

Um ponto decisivo para a consolidação do rock na esfera local do Alto Sertão paraibano foi o advento de novos espaços para reprodução e divulgação dos seus trabalhos musicais. E isso aconteceu tanto do ponto de vista pessoal das bandas como coletivo da cena. Foi nessa toada, com toda uma luta em busca de ganhar espaço na esfera pública e trazer uma maior visibilidade para as bandas de rock em eventos locais, que se teve a criação de espaços como: o Núcleo de Extensão Cultural (NEC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus V, em Cajazeiras¹⁾; o Cajá Rock; a praça alternativa do rock/reggae no carnaval; e a criação da Associação Cajazeirense de Rock (ASCAR).

O primeiro desses foi o Núcleo de Extensão Cultural, popularmente conhecido pela sua sigla, NEC, instituído enquanto espaço para fins culturais, ainda em 1991, por meio de uma resolução interna do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da UFPB Campus V (Gazeta do Alto Piranhas, 2004). A sua utilização prática, no entanto, só foi concretizada em 1995, sob a coordenação dos professores Naldinho Braga e Erivan Araújo, ambos atuantes na cena musical aqui pesquisada. Dito isso, o NEC tornou-se um espaço cultural tradicionalmente voltado para receber, fomentar e organizar as manifestações artísticas relativas a diversos produtos da região, como o teatro, a capoeira, o coral universitário, as bandas cabaçais e as apresentações de música ao vivo. Particularmente no âmbito musical, as bandas dessa cena musical tiveram, nesse lugar simbólico, uma privilegiada atuação, haja vista que não existiam ambientes culturais onde os eventos de música alternativa pudessem acontecer com frequência. Ali, inclusive, passaram a ter uma maior expressividade ao dividir palco com grupos musicais de outras cidades e estados circunvizinhos. Com esse ambiente sendo destinado à realização de ações culturais, começou-se a visualizar a formação de um público constante nos eventos, que frequentava e era influenciado pelas apresentações ali fomentadas.

¹⁾ A Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus V, passou por um desmembramento, o que a fez ser chamada, a partir de 2002, de Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras. Segundo o site institucional da UFPB: “No início de 2002, a UFPB passou pelo desmembramento de quatro, dos seus sete campi. A Lei nº. 10.419 de 9 de abril de 2002 criou, por desmembramento da UFPB, a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), com sede em Campina Grande. A partir de então, a UFPB ficou composta legalmente pelos campi de João Pessoa (capital), Areia e Bananeiras, passando os demais campi (Campina Grande, Cajazeiras, Patos e Sousa) a serem incorporados pela UFCG” (Gazeta do Alto Piranhas, 2004).

Contudo, estrutural e arquitetonicamente, o NEC é um espaço histórico que, antes mesmo de abrigar eventos de natureza cultural, foi usado como a antiga estação ferroviária de Cajazeiras por parte da Rede Viação Cearense (RVC)²⁾. Esse local serviu como um ramal férreo ativado em 1923, durante o mandato político do oligarca Sabino Gonçalves Rolim, intendente nomeado por Sólon Barbosa de Lucena, então presidente do estado da Paraíba (Silva, 2014). Sua desativação como estação ferroviária ocorreu em 1971, durante o primeiro mandato do prefeito Eptácio Leite Rolim, da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido político responsável por manter as estruturas de poder instituídas com a ditadura militar. Então, o que se observa em ambas as demarcações históricas destacadas, leia-se o início e o fim do funcionamento da linha férrea em Cajazeiras, foi que houve a continuidade política da família Rolim em um recorte de 48 anos. Tem-se aí, portanto, um dos contrastes que se acentuam nesse espaço: por um lado, a permanência de uma mesma família na política local de Cajazeiras; e por outro, uma cena do rock que se posiciona a partir de uma postura crítica aos encaminhamentos políticos, sociais e culturais.

Após a desativação da linha férrea, em 1971, esse espaço do NEC passou por um interlúdio de vinte anos, sendo restituído seu uso somente em 1991 pela UPFB, Campus V. Outro marco importante do NEC aconteceu em 2001, quando o espaço foi reconhecido e tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP) (Rolim, 2010).



Figuras 1 e 2: locomotiva passando pelo ramal da estação ferroviária em Cajazeiras; atual fachada do Núcleo de Extensão Cultural (NEC).

Fontes: Acervo particular do jornal *Gazeta do Alto Piranhas* e acervo pessoal do autor

²⁾ A Rede Viação Cearense foi a empresa responsável pelo tráfego ferroviário que se iniciava no estado do Ceará, tendo como principal ponto a capital Fortaleza e se estendendo até o estado da Paraíba, em cidades como Cajazeiras e Sousa (Galvão, 2019).

Com base na Figura 1, pode-se observar a chegada do trem a vapor em Cajazeiras, no qual à direita e à esquerda da foto veem-se a estação ferroviária e a torre da catedral, respectivamente. Com ela há a possibilidade de se conjecturar, com base no ano de início da construção da catedral, que teve sua pedra fundamental lançada em 1937, que a foto é posterior à década de 1930 (Rolim, 2010, p. 107). Nesse momento, o espaço da estação era tido como um dos principais pontos de sociabilidade para a população, que, com a chegada do trem, do cinema, da eletricidade e do telefone, começava a se sentir inserida no processo de modernização^{3.)}. Já na Figura 2, visualiza-se a atual arquitetura da estação, agora usada como o espaço do NEC. Na parte superior frontal e lateral da fachada destaca-se a sigla RVC, que quer dizer “Rede Viação Cearense”. Em frente às portas e janelas, as quais anteriormente serviam para a compra de passagens ou para a população que se reunia para conversar e observar a chegada do trem, foi construído um pequeno palco para a realização dos eventos, onde tanto as bandas como os equipamentos de som são posicionados para ficar em frente ao público.

Comparando as duas imagens e analisando os seus respectivos contextos históricos, visualiza-se que em ambos os momentos o espaço da estação ferroviária em Cajazeiras serviu como um ponto referencial de sociabilidade: em uma primeira ocasião como ponto de embarque e desembarque dos passageiros que circulavam entre os estados do Ceará e Paraíba, ou até mesmo como espaço de sociabilidade e convivência para aqueles que se encantavam com os ruídos e com o ir e vir da cortina de fumaça produzida pelo trem; e, logo em seguida, para funcionar como um ambiente cultural alternativo pertencente à UFPB, Campus V, tendo a musicalidade do rock como uma das locomotivas que deram gás aos seus eventos. Houve, então, a refuncionalização da estação ferroviária para fins culturais do município e da microrregião do Alto Sertão da Paraíba por meio da institucionalização do NEC, fazendo com que fossem atribuídas ressignificações socioculturais para o espaço por meio da realização de novas práticas urbanas^{4.)}.

Outro espaço de fruição musical criado no âmbito local, logo após a institucionalização do NEC, foi o festival Cajá Rock. Realizado pela primeira vez em 1997, é considerado o primeiro evento exclusivamente voltado para as bandas da cena alternativa do rock local. Desde a sua primeira edição, tem como mentor e produtor Osvaldo Moésia (que, seis anos depois, se tornou um dos fundadores da banda Baião d’Doido). Tal evento foi concebido

^{3.)} Como apontam pesquisas recentes, uma das primeiras salas cinematográficas em Cajazeiras, o “Cine Alvorada”, foi inaugurada em 1922. A partir disso, então, pode-se observar que a chegada do cinema é temporalmente próxima ao ano que marcou o início do funcionamento da linha férrea em 1923, momento no qual Cajazeiras passou a se destacar frente aos demais municípios do Alto Sertão paraibano (Neto, 2021).

^{4.)} A refuncionalização de espaços históricos é uma característica um tanto quanto frequente no campo da cultura. Um exemplo disso pode ser encontrado na dissertação de mestrado de Carlos Henrique Pessoa Cunha, na qual estudou-se o exemplo da rua Chile, localizada no bairro da Ribeira, na cidade de Natal. Nesse caso, o autor analisa as transformações simbólicas desse espaço, que passou de ambiente glamuroso da boêmia na primeira metade do século XX, ao principal espaço roqueiro na década de 1990 (Cunha, 2014).

para fazer com que as bandas de rock local tivessem um evento específico para a apresentação dos seus trabalhos musicais, fosse ele cover ou autoral, colocando-as em evidência frente ao processo de festivalização (Guerra, 2026) organizados nos grandes centros urbanos localizados no agreste e no litoral paraibano. Tornou-se um espaço imprescindível porque abriu novas possibilidades de apresentação tanto para as bandas de maior notoriedade na cena como para as bandas que estavam apenas começando sua carreira^{5.)}.

Com base no banner de divulgação do primeiro Cajá Rock (ver a Figura 3), o festival aconteceu no dia 9 de agosto de 1997, na Associação Cajazeirense de Imprensa (ACI), com a participação das bandas Cabeça Chata e Crônicas (grupo que depois passou a ser chamado O27), além da banda Apocalipse, divulgada no *line up*, mas que não chegou a concretizar sua apresentação devido a problemas de logística. Ainda em 1997, foi realizada a segunda edição do Cajá Rock (ver a Figura 4) no Escritório dos Monstros, localizado no final da praça João Pessoa e próximo ao Açude Grande, no centro da cidade. Na ocasião, somente a banda Cabeça Chata se apresentou.



Figuras 3 e 4: banners do 1º e 2º Cajá Rock, em 1997.

Fonte: Acervo Osvaldo Moésia.

^{5.)} Atualmente, ainda em pleno processo de funcionamento, o Cajá Rock é o evento independente/alternativo com mais tempo em atividade em todo o estado da Paraíba e continua sendo organizado por Osvaldo Moésia.

Tanto o primeiro quanto o segundo Cajá Rock foram realizados a partir da captação de recursos de maneira independente no decorrer de 1997, perceptível até mesmo nos banners produzidos manualmente, e tornaram-se uma marca registrada da cultura rock do Alto Sertão paraibano. Com o passar dos tempos, ganhando outras edições, esse evento serviu não somente para a circulação das bandas, mas também de ideias e posicionamentos socioculturais. Além da realização dos shows musicais, a partir de 2003, o Cajá Rock passou a produzir *zines*, como o *Rockaja*, servindo para que o público consumidor tivesse acesso aos trabalhos produzidos pelas bandas de Cajazeiras e da região, bem como para trazer reflexões sobre as discussões que buscavam entender a história do rock em nível global (F. de Lira, 2018).

Com a utilização do NEC como espaço artístico voltado para a cena independente e a consequente criação do Cajá Rock, a cultura rockeira se tornou cada vez mais significativa na esfera pública, tendo em sua plateia um pleno processo de consolidação que passou a ganhar um certo nível de reconhecimento no poder público e nos eventos tradicionalmente realizados na cidade. É por meio desse processo de conquista de espaços e visibilidade que foi criada, em 2001, a Praça do Rock/Reggae no carnaval de Cajazeiras. Esse evento é considerado, desde os primeiros anos de sua existência, como o mais expressivo da cultura rock local, uma conquista para a cena por se tratar de um reconhecimento da diversidade musical existente na esfera societal de Cajazeiras.

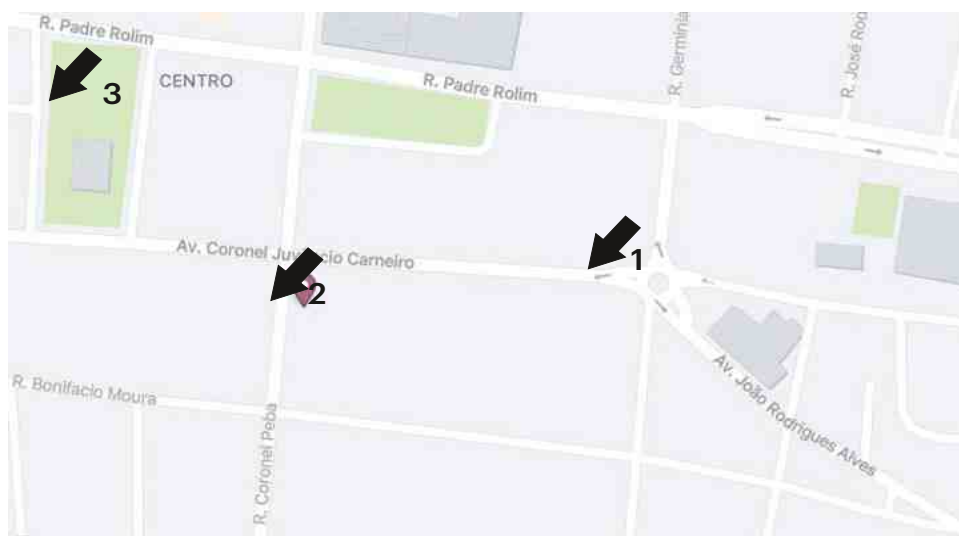


Figura 5: Mapeamento geográfico da praça do rock no carnaval em Cajazeiras.
Fonte: Google Maps.

O mapa acima (ver Figura 5) representa a disposição geográfica do carnaval de Cajazeiras, que geralmente é realizado no centro da cidade. Nesse evento característico, recebendo foliões dos mais distintos lugares, são organizados paralelamente três shows: o palco principal (destacado no mapa com o número 1), posicionado na rua Coronel Juvêncio Carneiro, é aquele no qual se apresentam as bandas das categorias que são tidas como sonantes na linguagem do carnaval (axé, sertanejo universitário, forró); o palco da Praça do Rock/Reggae (número 2), localizado na rua Coronel Peba, recebendo tanto bandas da cena quanto de outras localidades; e a praça do frevo (número 3), situada na

parte de trás da praça da Prefeitura. Visualiza-se, então, que, em alternância ao corredor da folia, onde se verificam as atrações principais do período carnavalesco, a praça do rock é realizada literalmente às margens do evento principal. Às margens não somente no sentido geográfico e espacial, mas também no quesito econômico, visto que recebe uma quantia mínima se comparada ao palco principal. Assim, esse espaço é alocado periféricamente para o nicho da cultura alternativa, que se reúne, se sociabiliza e escuta a produção de sonoridades que se apresentam em completa dissonância com o que é produzido nos outros palcos.

A importância desses espaços até aqui mencionados propiciou a ascensão da cena musical alternativa em Cajazeiras, o que influenciou a criação de uma associação do rock local: a ASCAR. Fundada em 2004, seu estatuto estipulava que o pleito eleitoral para a escolha da diretoria executiva deveria ocorrer a cada dois anos. A associação objetivava representar a cultura rockeira em nível municipal, estadual e federal. Em terras cajazeirenses, a fundação de associações culturais foi precedida, no entanto, por outras duas instituições, ambas como pessoas jurídicas portadoras de CNPJ (Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica): primeiramente, a Associação Cajazeirense de Teatro (ACATE), fundada em 9 de março de 2001 e reconhecida, por meio da Resolução n. 02/2008, como utilidade pública pela Câmara Municipal de Cajazeiras;^{6.)} e logo em seguida pela Associação dos Artistas de Cajazeiras (AARC), fundada em 3 de agosto de 2001 (Pontes, 2019; Gazeta do Alto Piranhas, 2022). Diferentemente dessas duas, a ASCAR não estabeleceu um efetivo vínculo institucional como pessoa jurídica, o que a caracteriza como um coletivo cultural independente.

Esse carácter de associação/coletivo independente, da qual as bandas da cena participavam sem vinculação direta às leis estatais no que tange ao seu reconhecimento cultural, fez com que poucos documentos tenham sido produzidos. Do pouco material disponível para consulta, encontra-se a carta-proposta da diretoria eleita em 2009. Nela são elencados os seguintes pontos:

Lutar pela construção da sede própria da ASCAR; Implantação do projeto ponto de cultura “a cultura do rock sertanejo”; Realização do festival nordestino de rock; Lutar por uma ASCAR independente e promissora; Implantação do projeto “cultura, esporte e lazer”; Realização de cursos e oficinas de capacitação dos filiados da ASCAR em parceria com o centro cultural do BNB, SEBRAE, SENAC e outras entidades culturais; Elaboração de projetos que visem à participação coletiva dos filiados da ASCAR; Encaminhar projeto de reconhecimento de utilidade pública da ASCAR para a Câmara Municipal de Cajazeiras e Assembleia legislativa do estado da

^{6.)} Para mais informações sobre as atividades culturais desenvolvidas pela Associação Cajazeirense de Teatro (ACATE), ver o blog da associação disponível em: <https://acateteatrocz.blogspot.com/>.

Paraíba; Firmar parcerias com os poderes públicos: municipal, estadual e federal; Encaminhar representantes da ASCAR para o Conselho Municipal de Cultura e Comissão Normativa do FUMINC; Participação nas políticas públicas do município e região sertaneja; Criar espaços alternativos para a realização de apresentações das bandas de rock filiadas à ASCAR como forma de vitrine da cultura produzida na cidade de Cajazeiras; e avaliação ponto a ponto e reformulação do estatuto da ASCAR⁷⁾.

Dessas pautas defendidas pela chapa eleita em 2009, nas quais o verbo “lutar” aparece em duas delas, pode-se compreender algumas das questões que permeavam a mentalidade dos integrantes dessa cena cultural, os quais buscavam enfaticamente uma organização coletiva, reconhecimento público e maior inserção de seus filiados nos âmbitos culturais, políticos e educacionais existentes no município. Percebe-se, inclusive, que a educação é considerada parte essencial no processo formativo de seus integrantes, evidenciando a necessidade de acesso básico para a realização de tarefas como a criação de portfólios, escrita de atas e feitura de materiais gráficos.

Nesse sentido, em meio aos pontos elencados, destacam-se: a necessidade de criar um espaço próprio para a sede da ASCAR, que serviria para o debate e socialização da comunidade rockeira, e ainda como ambiente especializado para os ensaios, tendo em vista que muitas das bandas não tinham espaço específico para tal atividade rotineira; a proliferação de eventos de grande proporção em Cajazeiras, sendo um atrativo tanto para as bandas do cenário da microrregião do Alto Sertão da Paraíba como para as bandas localizadas em todo o Nordeste; o contato mais direto e frequente com as entidades de fomento culturais estabelecidas no Sertão da Paraíba, como o até então recém-criado Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBNB), na vizinha cidade de Sousa⁸⁾; a inserção dos seus filiados em cursos de natureza cultural, educacional e profissional no SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e no SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial); a necessidade imediata de um processo de institucionalização da associação, a fim de ter o reconhecimento público dos poderes municipal e estadual; a participação efetiva de integrantes da cena como avaliadores no Fundo Municipal de Incentivo à Cultura (FUMINC) de Cajazeiras, que seleciona e fomenta projetos culturais anualmente⁹⁾; além da reavaliação dos pontos que constavam no atual estatuto da associação.

⁷⁾ Disponível em: <https://folhaviptecajazeiras.blogspot.com/2009/05/eleicao-da-ascar-associacao.html>. Acesso em: 6 maio 2022.

⁸⁾ O CCBNB é uma das instituições de maior evidência e expressividade em toda a região do Nordeste brasileiro, fomentando os mais diversos produtos culturais como as artes cênicas, a música, o cinema e a literatura. Atualmente, a instituição conta com quatro sedes: uma em Fortaleza, fundada em 1998; a do Cariri, localizada em Juazeiro do Norte, que abriu suas portas em 2006; a de Sousa, criada em 2007; e a mais recente em Mossoró, fundada em 2024. Particularmente, a sede localizada na cidade de Sousa tem como área de atuação o Sertão da Paraíba, recebendo frequentemente em sua programação as bandas da cena aqui pontuada (Banco do Nordeste do Brasil, s.d.).

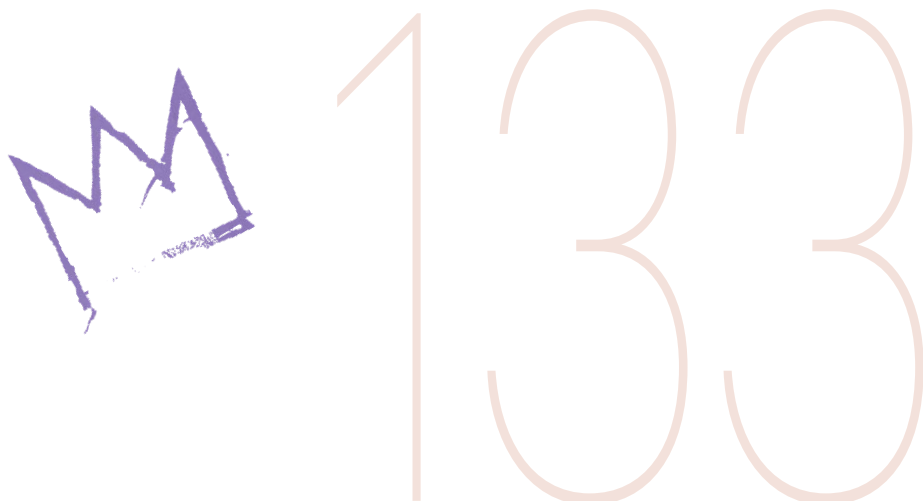
⁹⁾ O recurso público do FUMINC, operacionalizado pela Secretaria de Cultura de Cajazeiras, é composto por 2% da arrecadação tributária geral do município, sendo aplicada no intuito de fomentar projetos e ações culturais. Com a forte movimentação em torno do meio cultural existente na cidade, esse fundo foi aprovado pela lei municipal n. 1.891/2010, em 7 de abril de 2010. No entanto, antes mesmo da aprovação desse fundo previsto em lei, existia em Cajazeiras a Lei Viva Cultura, instituída através da lei municipal n. 1.138/97 durante o terceiro mandato do prefeito Eptácio Leite Rolim. Por sua vez, a Lei Viva Cultura, em um *modus operandi* completamente diferente e por vezes até inconsistente, captava recursos a partir do desconto de 40% nos impostos municipais acordados com empresas locais (Lei Viva Cultura, 1999).

A criação desses espaços para fruição e/ou debate, paralelamente à formação cada vez mais intensa de grupos de rock na esfera local, fez com que toda uma cena musical rockeira se estruturasse com bases muito sólidas, possibilitando que essa sonoridade tivesse suas ramificações fortalecidas. E o que se percebe em grande parte das bandas dessa cena musical é que as sonoridades tidas como “tradicionalmente nordestinas”, como as canções de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro, foram matérias-primas para suas composições. Nelas, os sons “tradicionais” da paisagem sonora nordestina foram ouvidos não como um território fechado, mas sim como uma fronteira sonora que se podia cruzar (Júnior, 2011; Ventura, 2022).

Se bem que isso só foi possível tendo em vista que essas referências sonoras, tanto regionais quanto internacionais, foram ouvidas em grande medida pelas frequências sonoras propagadas no ar pelas rádios de Cajazeiras. Foi por meio dessas ondas sonoras que sujeitos históricos como Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, e Jackson do Pandeiro, nascido na cidade de Alagoa Grande, tornaram-se marcas essenciais para a edificação da sonoridade do rock no Alto Sertão paraibano, influenciando diretamente no som professado pelas bandas da cena. Desse modo, assim como os tropicalistas se apropriaram e deglutiram os sons de Luiz Gonzaga em suas músicas, pode-se identificar que esses sons foram decisivos para a formação da escuta musical e do leque de referências culturais dos rockeiros no extremo oeste do estado da Paraíba. A esses rockeiros, que deram aos sertões uma característica multifacetada, coube experimentar o sabor da fusão entre ritmos como o baião de Luiz Gonzaga com a agitação frenética do rock.

Em Cajazeiras, assim como em outras cidades espalhadas pelos sertões do Nordeste brasileiro, as rádios constituíram-se como espaços sonoros de grande relevância para a sociedade. Mesmo com os avanços da mídia física e da era digital, as rádios continuaram sendo um importante meio de comunicação e de escuta musical. Logo, em meio aos noticiários locais que comunicavam informações sobre o dia a dia da cidade, programas musicais também tiveram espaço para reproduzir canções, vozes e sonoridades que fizeram parte da vivência sonora dos rockeiros cajazeirenses. Do baião de Luiz Gonzaga ao rock ‘n’ roll dançante de Elvis Presley, do iê-iê-iê de Roberto Carlos aos versos contraculturais de Bob Dylan, das crônicas de Odair José aos Beatles, as rádios que se ouviam em Cajazeiras trouxeram para o espaço domiciliar, ou até mesmo público, uma amplitude de referências musicais. No espaço domiciliar, por meio dos rádios de pilha e elétricos, ou mesmo nos espaços públicos, com as caixas de som que ficavam acopladas nos postes da cidade.

Toda essa diversidade permitiu a escuta de sons que singravam tanto na Região Nordeste quanto nas musicalidades que estavam em alta de maneira global, de modo que, para aqueles que as ouviam, permitiu-se a associação entre sonoridades, singular a cada processo de escuta, como bem apontou o educador e musicólogo canadense Murray Schafer (2011).



3. Fim: ou os sons do fim do mundo?

Com o exposto até aqui, pode-se asseverar que a cena rock da cidade de Cajazeiras possui características próprias, que são acentuadas à medida em que se observa cada um dos espaços, das demandas e das bandas formadas. Faz-se necessário, então, perceber as características dessa constelação de bandas autorais que tomaram forma, demonstrando que a consolidação do rock local é plural e dependeu de diversos processos de formação pública e coletiva.

A partir disso, pode-se perceber as complexidades do rock local, repleto de camadas sonoras e sociais. Nela, atuaram professores universitários, alunos de graduação, comunicadores das rádios locais, produtores culturais, além de vários outros profissionais que dividiram seu tempo com a atuação musical. Dividir o tempo entre “trabalho” e “música” fez-se necessário porque trabalhar somente com música foi e ainda é uma conciliação difícil, pois o pouco recurso financeiro que é captado pelas bandas acaba sendo voltado para a manutenção do material (instrumentos, caixas de som) e da logística de locomoção até os eventos. Muitas vezes precisando até que sejam destinados recursos dos próprios integrantes para complementar as demandas financeiras.

No entanto, essas dificuldades não paralisaram a cena. Muito pelo contrário, isso fez com que o rock tivesse continuidade irrestrita desde o momento em que essa sonoridade aterrizou em terras cajazeirenses. A essa cena, diga-se de passagem, coube se adequar à realidade social, econômica e cultural a que esteve circunscrita em seu espaço, inclusive no sentido de criticar as escassas possibilidades de acesso aos recursos em editais de cultura e afins. Ou seja, como disse o historiador e comunicólogo Will Straw, quando definiu o conceito de cena musical: “É um sistema destinado a lembrar, movimentar e transformar a expressão cultural e a energia social” (Janotti, 2012, p. 5).

Vale notar, então, a formação e a consequente consolidação de um cenário coletivo em torno do rock no Alto Sertão paraibano, tendo Cajazeiras como o ponto central de sustentação para a socialização, a realização das apresentações e a movimentação da cultura rock. Centralismo esse por meio do qual se percebeu na circulação expressiva do público advindo das demais cidades do Alto Sertão paraibano para eventos alternativos como os realizados no NEC, na Praça do Rock e no Cajá Rock^{10.)}. Merece destaque, ainda, a complexa cadeia de circulação entre os integrantes, participando de projetos em paralelo e vindo a contribuir com a musicalidade de outras bandas. E, ao estarem se movimentando e dando forma a uma cena musical, muito longe das capitais e dos grandes centros populacionais da sociedade brasileira, entende-se que estiveram construindo uma cena musical, tecida a partir de diversos fios e por meio do agenciamento de perspectivas particulares do espaço em que praticaram os seus sons.

^{10.)} Essa influência de Cajazeiras como um dos principais polos do rock no sertão paraibano se estende até mesmo à cidade de Sousa. Enquanto outro município economicamente importante para o sertão paraibano, suas primeiras bandas de rock só vieram a ser formadas próximas ao final da década de 1990, tendo como referência, inclusive, a movimentação e as bandas de rock de Cajazeiras.

Referências

- Banco do Nordeste do Brasil. (s.d.). *Centro Cultural Sousa*. Acesso em 9 de maio de 2022, de <https://www.bnb.gov.br/cultura/centro-cultural-sousa>
- Bennett, A. (2004). Consolidating the music scenes perspective. *Poetics*, 32, 223-234.
- Cunha, C. H. P. (2014). *Nos tempos do blackout: cena musical, práticas urbanas e resignificação da Rua Chile, Natal-RN*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Galvão, R. M. (2019). *Ferrovias no Ceará: suas tramas políticas e seus impactos econômicos e culturais (1870-1930)* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Campina Grande.
- Gazeta do Alto Piranhas. (2004, 31 de dezembro). NEC desenvolve atividades culturais. *Gazeta do Alto Piranhas*, Seção A5.
- Gazeta do Alto Piranhas. (2022, 24 de maio). NEC desenvolve atividades culturais. *Gazeta do Alto Piranhas*, Seção A6.
- Grangeia, M. L. (2016). *Brasil: Cazuza, Renato Russo e a transição democrática*. Civilização Brasileira.
- Guerra, P. (2026). "From the night and the light, all festivals are goldes": the festivalisation of culture in Portugal. In A. S. Silva, H. Santos, & P. Guerra (Eds.). *Cultural Change in Contemporary Portugal* (pp. 159-174). U.Porto Press.
- Janotti, J. J. (2012). Entrevista – Will Straw e a importância da ideia de cenas musicais nos estudos de música e comunicação. *E-compós*, 15(2), 1-10.
- Júnior, D. M. A. (2011). *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5 ed. Cortez.
- Júnior, F. D. G. A. (2023). *De tocaia com o meu som: banda Tocaia da Paraíba e a construção de uma paisagem sonora híbrida no Alto Sertão paraibano (1995-2010)*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Júnior, F. D. G. A. (2026). *De tocaia com o meu som: banda Tocaia da Paraíba e a construção de uma paisagem sonora híbrida no Alto Sertão paraibano (1995-2010)*. Cancioneiro.
- Lei Viva Cultura. (1999, 14 de novembro). *Gazeta do Alto Piranhas*, Seção de Cultura & Lazer.
- Lira, F. (2018, 24 de setembro). Controverso, mas abnegado: a história do Cajá Rock em 13 cartazes e flyers. *Cajazeiras de amor*. Acesso em 7 de maio de 2022. <http://www.cajazeirasdeamor.com/2018/09/?m=0>
- Neto, J. A. da S. (2021). *Cinema e sociabilidade: uma história das relações sociais promovidas pelo cinema em Cajazeiras-PB (1950-1980)* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Campina Grande.

- Pontes, C. G. (2019, 20 de janeiro). O que é uma academia de letras? *Cajazeiras de Amor*. Acesso em 10 de maio de 2022. <https://acateteatrocz.blogspot.com/>.
- Rolim, E. de S. (2010). *Patrimônio arquitetônico de Cajazeiras – PB: memória, políticas públicas e educação patrimonial* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal da Paraíba.
- Schafer, R. M. (2011). *A afinação do mundo*. 2 ed. Editora UNESP.
- Silva, I. G. (2014). Cel. Sabino Gonçalves Rolim. In *Os prefeitos de Cajazeiras* (pp. 87-89). Halley S.A Gráfica e Editora.
- Straw, W. (1991). Systems of articulation, logics of change: communities and scenes in popular music. *Cultural Studies*, 5(3), 368-388.
- Ventura, L. C. (2022). *A trama dos sons: invenção e arquivo na fabricação de uma escuta do Nordeste (1910-1950)*. Cancioneiro.